



PESTE SUÍNA AFRICANA NO OESTE DE SANTA CATARINA EM 1978: NOTAS PRELIMINARES¹

CLÓVIS ALCEU CASSARO ^{2,3}, MARLON BRANDT^{3,4}

1 Introdução

A Peste Suína Africana (PSA) é uma epidemia animal de alta mortalidade que já assolou plantéis de suínos de todo mundo, especialmente da África subsaariana, Cáucaso e Sardenia, cujos hospedeiros habituais são carrapatos do gênero *Ornithodoros* e alguns suídeos africanos selvagens. Caracterizada pelo aparecimento de hemorragias internas e lesões na pele e cuja notificação às autoridades veterinárias é obrigatória, tamanho é o risco que esta representa à suinocultura (BELTRÁN-ALCRUDO *et al*, 2017, p.5-22, tradução livre).

No Brasil, a PSA é conhecida pelo surto ocorrido no ano de 1978, que afetou produtores de diversas regiões do país, dentre elas, do estado de Santa Catarina, como demonstrado por Zanotto (2013).

2 Objetivos

Embora seja evento marcante na suinocultura da década de 1970, a crise da PSA carece de estudos sobre seus efeitos na região oeste de Santa Catarina, cuja economia vincula-se muito às práticas agroindustriais. Considerando isso, a pesquisa busca identificar e analisar os efeitos da Peste na área compreendida como Oeste Catarinense (representados na **Figura 1**) durante o ano de 1978 e os possíveis efeitos desta na suinocultura e na paisagem rural.

3 Metodologia

A metodologia empregada segue os preceitos da pesquisa em Geografia Histórica expostos por Abreu (2000), que perpassa pela mesma análise das relações espaço-sociedade própria à Geografia mas lançando um olhar para um tempo pretérito, “o presente de então” (ABREU, 2000, p.18), utilizando-se de fontes históricas como, em nosso caso, periódicos de circulação local e estadual, muitos dos quais disponíveis nos acervos do Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina (CEOM), Centro de Memória Alfa/MaxiCrédito (CEMAC) e no acervo digital da Biblioteca

1 Pesquisa vinculada ao subprojeto “Suinocultura e transformação da paisagem no oeste de Santa Catarina (décadas de 1920 a 1970)”

2 Graduando em Geografia - Licenciatura, UFFS, *campus* Chapecó, contato: clovis.cassaro@estudante.uffs.edu.br

3 Grupo de Pesquisa - Fronteiras: Laboratório de História Ambiental da UFFS

4 Doutor em História, UFFS, *campus* Chapecó, **Orientador**.



Nacional.

Ainda conforme Abreu (2000), a compreensão do contexto em que os eventos se inserem também é de suma importância. Na presente pesquisa, o contexto em questão é de crescimento e consolidação do setor agroindustrial e da suinocultura da região, tornando-se imprescindível o estudo do mesmo.

4 Resultados e Discussão

Como discutido por Renk (2006), a suinocultura é praticada na região de estudo desde tempos anteriores à colonização, a qual era praticada com vistas à subsistência e pequeno comércio local. Já em meados da década de 1960, com a introdução de empresas especializadas no setor, ocorre a consolidação do complexo agroindustrial enquanto matriz econômica regional e, conseqüentemente, como a principal fonte de renda dos produtores rurais, incluindo aqui os suinocultores (SILVA E HASS, 2017).

Justamente nesse contexto de dependência da suinocultura que, foi notificado o aparecimento do primeiro foco suspeito de PSA no estado do Rio de Janeiro e, logo, no estado de Santa Catarina, exigindo a imposição de medidas sanitárias que restringiam o transporte e comércio de suínos, além do sacrifício dos animais infectados e subsequente incineração de suas carcaças (ZANOTTO, 2013).

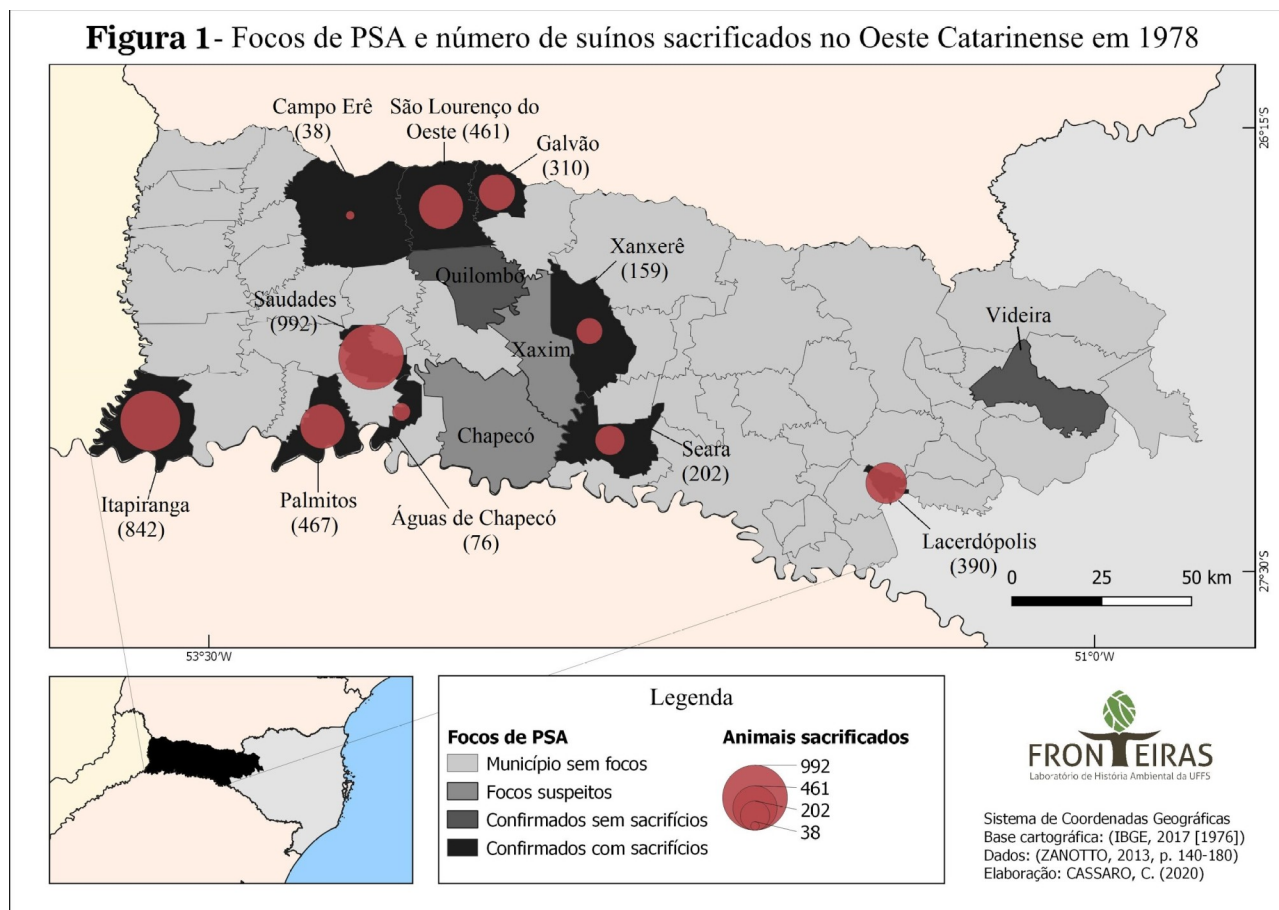
Essas medidas, consorciadas à descrença generalizada de que a Peste não existia ou que se estava confundindo com a Peste Suína Clássica (PSC), já bastante conhecida, e às especulações de que sua origem estaria vinculada à alimentação dos animais com lixo, geraram descontentamentos entre os suinocultores, que consideraram a imposição das medidas sanitárias uma restrição à sua atividade de subsistência, cerceando seu “direito de sobrevivência” (JORNAL DA PRODUÇÃO, 1978, p.8).

Em contrapartida, os produtores se organizaram coletivamente para fazer reivindicações por meio do “Manifesto do Oeste”, do qual 21 sindicatos rurais e a própria Federação das Cooperativas Agropecuárias do Estado de Santa Catarina foram signatários, como o fixação dos preços mínimos para o quilo do suíno, atração de técnicos estrangeiros especializados no combate à PSA, a requisição de horários nobres em redes televisivas para esclarecimentos sobre a alimentação dos porcos catarinenses não ser feita com lixo (JORNAL DA PRODUÇÃO, 1978, p.8).

Os produtores, em todas as regiões do estado, em muito também exigiram a criação de corredores sanitários que possibilitassem o escoamento da produção de maneira segura para outras regiões do país. (ZANOTTO, 2013).

Também houve certa distinção entre os produtores vinculados às agroindústrias, que vacinaram seus animais contra a PSC, e os produtores independentes, que por vezes não recebiam assistência

técnica regular (ZANOTTO, 2013). Embora os impactos causados pelos fatores subjetivos, como a restrição da comercialização, não possam (por hora) ser mensurados, os impactos objetivos podem ser vistos na quantidade de animais sacrificados nos municípios do Oeste, como encontra-se exposto na **Figura 1**, conforme os dados apresentados por Zanotto (2013, p. 140-180).



5 Conclusão

De maneira geral, a PSA representa grande risco aos plantéis de suínos devido seu alto índice de mortalidade, o que, por vezes, exige das autoridades sanitárias a imposição de enérgicas medidas para impedir a transmissão do vírus entre os animais.

Em Santa Catarina, em especial na sua porção mais à oeste, quando assolada pela epidemia, sacrifícios e incineração de animais infectados foram medidas adotadas, o que, consorciada à descrença dos produtores de que a doença fosse real, gerou grande descontentamento nos mesmos, temendo que sua renda e até mesmo sua imagem fossem prejudicadas.

A pesquisa ainda está em fase inicial, verificando-se necessário o maior levantamento de fontes, bem como a análise dos impactos dessa doença em alguns segmentos da produção rural e na própria modelagem da paisagem rural, cada vez mais integrada ao setor agroindustrial. Estudos dos efeitos posteriores desta crise, como a presença da Peste no imaginário dos produtores e das medidas



preventivas adotadas pelas entidades de saúde animal no Brasil e na região, podem, uma vez mais, corroborar a relevância deste evento para a suinocultura nacional e local.

Referências

ABREU, Maurício de Almeida. Construindo uma geografia do passado: Rio de Janeiro, cidade portuária, século XVII. **GEOUSP Espaço e Tempo** (Online), São Paulo, v. 4, n.1, p. 13 - 25, 2000.

BELTRÁN-ALCRUDO, Daniel *et al.* **African swine fever: detection and diagnosis – A manual for veterinarians.** FAO Animal Production and Health Manual n. 19. Roma: Food and Agriculture Organization of the United Nations (FAO), 2017.

Procuramos a verdade, a justiça e o direito de sobrevivência. **Jornal da Produção.** Florianópolis, 15/31 de agosto de 1978, ano VII, n. 64, p. 8.

RENK, Arlene. **A luta da erva:** um ofício étnico da nação brasileira no oeste catarinense. 2 ed. Chapecó: Argos, 2006.

SILVA, Claiton Marcio da; HASS, Mônica. “O Oeste Catarinense não pode parar aqui”. Política, agroindústria e uma história do ideal de progresso em Chapecó (1950-1969). **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 9, n. 21, p. 338 - 374. maio/ago. 2017.

ZANOTTO, André Luís. **Senhores e criadores:** uma história do combate à Peste Suína Africana em Santa Catarina (1978). 202 p. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

Palavras-chave: Porcos; Geografia Histórica; PSA; Epidemia animal; Suinocultura.

Financiamento

Auxílio financeiro fornecido por FAPESC. Bolsa de IC concedida por UFFS - edital nº 459/GR/UFFS/2019.